

Exemplo brasileiro

A crise econômica e, em particular, a deterioração do poder aquisitivo dos assalariados agravam os problemas sociais crônicos do Brasil, fazendo com que aumentem as doenças e as mortes, seja pela crescente criminalidade ou a redução dos níveis de saúde da população. A mortalidade infantil, que é um dos parâmetros preferidos para medir as condições sociais dos países em desenvolvimento, continua a ser um dos mais gritantes problemas nacionais.

A verdade é que, se o seu Produto Interno Bruto se situa entre os dez primeiros do mundo ocidental, o Brasil está incluído no rol dos países que ostentam as mais precárias condições sociais, o que o coloca em companhias francamente incômodas, como certas nações da Ásia, África e América Latina.

Hoje é mais que óbvio haver um triste quadro interno de distribuição de rendas, que só aprofunda as diferenças entre pessoas e regiões. Trata-se de um panorama delineado desde os primórdios da formação social, ainda na Colônia, a qual não pôde ainda ser eliminada pelo intenso desenvolvimento que o País experimentou nas últimas décadas.

Muitos economistas de diferentes tendências consideram prioritário um esforço nacional para melhorar os padrões de distribuição espacial da renda, seja entre regiões ou pessoas. Um melhor equilíbrio no rendimen-

to entre os cidadãos das diversas categorias sociais contribuirá para tornar mais sólido o mercado interno, o que se refletirá fatalmente na elevação dos padrões sanitários das populações.

Apesar de sofrer igualmente os efeitos da crise econômico-financeira, Brasília tem experimentado sensível aprimoramento nos padrões sanitários de sua população. Já não se fala do Plano Piloto, onde se concentra um contingente populacional que exhibe o mais alto nível de vida do Brasil. Nas cidades-satélites, onde as obras de saneamento e a assistência médica e educacional contribuem para elevar os padrões de saúde de seus milhares de moradores.

O **CORREIO BRAZILIENSE** revelava, em sua edição de sábado último, que o Distrito Federal registrou o menor índice de mortalidade infantil de todo o País, segundo levantamentos do Departamento de Saúde Pública. A taxa de mortalidade infantil em Brasília caiu dos 21,6 por mil de 1988 para 1,9 por cento no ano passado.

Deve-se desejar que, a médio prazo, o Governo brasileiro tenha condições de adotar as medidas necessárias para melhorar os níveis de prestação dos serviços médicos e de saneamento de forma a baixar, em termos nacionais, para índices civilizados as taxas de mortalidade infantil.